

SISTEMA CONCEPTUAL E SISTEMA TERMINOLÓGICO

*Maria Aparecida Barbosa**

RESUMO: Este trabalho propõe-se a examinar aspectos importantes dos níveis conceptual, lexemático e terminológico do percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação. O estudo das estruturas e funções das unidades-padrão do plano cognitivo e do plano semiótico tem grande relevância, no âmbito das pesquisas lexicológicas, semânticas e terminológicas. São analisadas, aqui, de um lado, a complexidade estrutural e funcional dos constructos do primeiro nível – arquiconceito, metaconceito, metame-taconceito –, com vistas à proposição de uma tipologia de campos conceituais; de outro, são examinadas diferenças conceituais e metodológicas entre conceito e definição, enquanto subsídios para a metodologia de configuração de traços semântico-conceituais de um conceito.

UNITERMOS: arquiconceito; conceito; metaconceito; Semântica Cognitiva; Semântica Lexical.

RESUMÉ: *Ce travail se propose d'examiner quelques aspects des niveaux conceptuel, lexématique et terminologique du parcours génératif de l'énonciation de l'encodage et du decodage. L'étude des structures et des fonctions des unités-standard du plan cognitif et du plan sémiotique est très important, dans le cadre des recherches lexicologiques, sémantiques et terminologiques. On analyse ici, d'un côté, la complexité structurale et fonctionnelle des formations du premier niveau – archi-concept, méta-concept, méta-méta-concept, ayant en vue la proposition d'une typologie des*

* Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Brasil.

champs conceptuels; d'un autre côté, on examine encore des différences conceptuelles et méthodologiques caractérisant le concept et la définition, de manière à obtenir des éléments pour la proposition d'une méthodologie permettant de formaliser les traits sémantico-conceptuels d'un concept donné.

MOTS-CLÉS: *archi-concept; concept; meta-concept; Sémantique Cognitive; Sémantique Lexicale.*

0. Introdução

A articulação entre a semântica cognitiva e a semântica lingüística tornou-se um dos paradigmas das ciências da linguagem, em sua fase pós-moderna. Acreditamos, pois, da maior importância o desenvolvimento de modelos que possibilitem analisar e descrever o patamar da *cognição* e suas relações com o patamar da *semiotização* lingüística, especificamente, neste artigo, com o da *terminologização* (Barbosa, 1998a, p.25-44).

Assim, nós nos propusemos, neste trabalho, a examinar aspectos importantes dos níveis conceptual, lexemático e terminológico do percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação. Analisamos, aqui, de um lado, a complexidade estrutural e funcional dos *constructos* do primeiro nível – *arquiconceito, metaconceito, metametaconceito*; de outro, examinamos diferenças conceituais e metodológicas entre os processos de conceituar e de definir, de modo a obter subsídios, para uma metodologia de configuração dos traços semântico-conceptuais de um *conceito*. Isso torna possível, ainda, a caracterização de diferentes tipos de contextos, discursos manifestados em que são engendrados *conceitos*, por distintos processos. Tais contextos constituem as principais fontes de que são extraídos os correspondentes traços semântico-conceptuais. Com efeito, é na instância discursiva que se produz a *cognição* e a *semiose*, se instaura a *conceptualização* de um 'fato', se engendra um *conceito* e sua manifestação lingüística. É no discurso manifestado, pois, que se presentificam os traços conceptuais, num procedimento de codificação; e é dele que se extraem, num procedimento de investigação, esses mesmos traços.

1. **Conceptualização e percurso gerativo da enunciação**

Os termos *conceituar* e *definir*, *conceito* e *definição*, não raras vezes, são indevidamente empregados uns pelos outros e, até mesmo, considerados equivalentes. Essa relação de equivalência, entretanto, não se justifica, eis que são grandezas que têm qualidades conceituais específicas, constituindo, inclusive, unidades-padrão e processos de distintos níveis do percurso gerativo da enunciação de codificação e decodificação (Pais, 1993, p.562-578).

De fato, esse percurso inicia-se com a percepção dos “fatos naturais”, que, sendo substâncias estruturáveis enquanto informação potencial para os homens, convertem-se, contudo, em substâncias estruturadas quando, mesmo mantendo um núcleo de percepção biológica universal, são apreendidas pelos grupos lingüísticos e socioculturais de diferentes maneiras. Esse primeiro momento, da *percepção*, desencadeia um segundo momento: o de início do processo de *conceptualização*, ou da passagem da *percepção* à *conceptualização*. Esta compreende, por sua vez, nesse estágio, três tipos de atributos semânticos: o das *latências*, em que os fatos observáveis têm os seus traços identificadores em estado potencial, enquanto substâncias de conteúdo (Hjelmslev, 1975, p.53-64) estruturáveis, apreensíveis; o das *saliências*, em que certas características dos fatos se destacam por si mesmas, na semiótica natural; e o das *pregnâncias*, em que o *sujeito enunciador individual e/ou coletivo* seleciona e escolhe os traços que irão configurar o conceito que têm do fato em questão (Pottier, 1992, p.61-69). O terceiro momento, em que se conclui o processo de *conceptualização* (Pais, 1993, p.569-578), é o da produção dos modelos mentais, dos *conceptus* (Rastier, 1991, p.73-114), noções ou conjuntos noêmicos – traços semânticos conceptuais –, a que correspondem, por seu turno, os recortes culturais, os recortes construídos, em última análise, os *designata*.

Esses três momentos – da percepção, do início e do fim da conceptualização – constituem, assim, o próprio *percurso da cognição*, entendido como a apreensão e construção de uma “visão de mundo”.

Para Cabré (1993, p.94-96), “... la relación referente-concepto – uno de los ejes cuyo estudio presenta mayor dificultad científica, ya que solo es abordable a partir de hipótesis y comprobaciones empíricas indirectas; supone describir de qué modo los individuos conocen la realidad, cómo la perciben y cómo la conceptualizan. Esta relación es todavía hoy un tema muy controvertido. La polémica sobre si la realidad existe por sí misma de forma objetiva, o si por el contrario existe solo a través de la percepción, no está todavía lo suficiente resuelta. Lo cierto es que los individuos aprehenden la realidad mediante los distintos subsistemas de cognición, y en consecuencia se comportan de acuerdo con esta aprehensión (por ejemplo, evitan lo que consideran peligro, eligen los alimentos que les gustan, se orientan en un determinado espacio, etc.). Paralelamente, utilizan los sistemas expresivos, entre los que el lenguaje ocupa el lugar más importante, para aludir a esa realidad (...). La cognición es el resultado de un proceso psíquico que conduce al conocimiento. El problema de cómo el pensamiento humano comprende los objetos, y por abstracción, construye los conceptos, se encuentra en la misma base de la teoría terminológica. La cognición es un proceso mental que consiste en aprehender la realidad. Una teoría cognitiva de la terminología debería ser capaz de explicar tres cuestiones básicas sobre el conocimiento relacionadas entre sí: a) cómo los individuos conceptualizan la realidad y estructuran el conocimiento; b) qué son los conceptos, cómo se establecen, cómo se interrelacionan y cómo se ordenan en la estructura del conocimiento; c) cómo se relacionan los conceptos y los términos”.

2. Lexemização, atualização, semiose

O quarto momento do percurso gerativo da enunciação de codificação é, pois, o da *lexemização* e da *terminologização*, ou seja, corresponde à conversão do *conceito* em *grandeza-signo*, em que se deixa o nível *cognitivo*, para se passar ao nível *semiótico* propriamente dito. A *lexemização* é aqui entendida como “*la mise en lexème*”, e *terminologização* como “*la mise en terme*”, ou seja, a configuração do *conceito* em *grandeza-signo*, no próprio ato de instaurar a significação. Dessa forma, o metassistema conceptual,

o mesmo para todas as semióticas-objeto de uma cultura, produz conjuntos de semas conceptuais que desempenham o papel de matrizes signicas para os diferentes sistemas semióticos de uma mesma cultura, de uma macrossemiótica, em suma, por meio dos processos de *semiologização*, *lexemização*, *terminologização* e *semiotização*. Nessas condições, de acordo com Pais (1993, p.188), os *conceptus* ou *lexes* devem ser considerados como *lexias* em potencial, configurando-se como ponto de partida do processo de *lexemização* e de *terminologização*. Nessa perspectiva, o *metassistema lexemático*, ou *terminológico*, conjunto das *lexias* com suas expressões e conteúdos (*sobressememas* ou *sememas* polissêmicos), sua rede de relações, constitui, por sua vez, uma instância de competência que precede e autoriza a *atualização* da *lexia* num discurso concretamente realizado.

Nesse quinto momento, da contextualização, tem-se um *epissemema* (simultaneamente, com a redução dos semas do sobressemema, ou seja, a seleção, determinada por uma situação de discurso e de enunciação, e o acréscimo de semas do contexto, na combinatória sintagmática), de que resulta a *semiose*.

Como se verifica, a grandeza *conceito* situa-se num nível pré-lingüístico, ou, mais exatamente, pré-semiótico de *designação*, podendo mesmo existir sem a respectiva *denominação*, já que se pode ter a percepção e o conhecimento de um fato, sem se possuir, ainda, a sua respectiva denominação. De fato, os *conceitos* mantêm diferentes tipos de relações com as *denominações*: há, como dissemos, *conceitos* sem *denominações*; há *conceitos* com apenas uma *denominação*; há *conceitos* com duas ou mais denominações, sendo ainda possível que uma mesma *denominação* comporte dois ou mais *conceitos*. Cumpre observar, com Cabré (1993, p.172), que a vertente formal da unidade terminológica recebe em terminologia o nome de *denominação* (e também o de *termo*) e que, ainda que o termo se preste propriamente para designar a unidade terminológica completa (o conjunto formado pela denominação e pelo conceito), também se utiliza como sinônimo de *denominação*.

Esse ciclo prossegue, então, com o *fazer interpretativo* do *sujeito enunciatário*, a que se seguem a recuperação e a armazena-

gem da informação, que desencadeiam, por sua vez, um subsequente processo de *conceptualização*.

3. Conceituar e definir

Considerando esse percurso, Pottier (1981, p.59) mostra a necessidade de, pelo menos, *quatro níveis de análise*: a) *nível referencial*, do mundo real ou imaginário (objetos, sonhos, memória do discurso de outrem, foto...); b) *nível conceptual*, de apreensão mental, da representação construída a partir do referencial, ao mesmo tempo tributária dos hábitos sociais e das necessidades criativas individuais; c) *nível da língua natural*, da competência lingüística em seu conjunto; d) *nível do texto* produzido, resultado de diversos componentes (lingüístico, cognitivo, contextual, situacional, intencional), em correlação possível com outros sistemas semióticos (gestos, proxêmica, ilustrações...).

Nessa perspectiva, a *ontologia* é a disciplina que trata do primeiro nível, ou seja, dos "objetos", de suas características, organização e rede no universo natural; a *conceptologia*, no âmbito da lógica, ocupa-se da natureza dos conceitos, de sua representação e das relações que se estabelecem entre eles; a *noêmica* se define, então, como o estudo dos elementos conceptuais e de suas relações, considerados como instrumentos necessários, para descrever o funcionamento da semântica de base das línguas naturais. Interessam-nos, aqui, desse ponto de vista, a *conceptologia* e a *noêmica*.

Uma vez definidos esses *níveis de codificação e de análise*, parece possível delimitar com maior rigor as grandezas *conceito/definição*, os processos de *conceituar/definir*.

Se o *conceito*, como vimos, estabelece-se num nível pré-lingüístico, a *definição* resulta de uma análise e descrição de grandezas sígnicas, situando-se, pois, no nível semiótico, pelo menos no que diz respeito ao seu ponto de partida. Com efeito, o *conceito* é o resultado de uma *interpretação* de fatos naturais e/ou culturais, enquanto a *definição* é o resultado de uma interpretação de unidades lexicais. *Conceituar* é o processo de construção de um modelo mental que corresponde a um recorte cultural e, em

seguida, de escolha/engendramento da estrutura léxica que pode manifestá-lo de maneira mais eficaz. Tal processo tem como ponto de partida o universo natural. *Definir* é o processo de analisar e descrever o *semema lingüístico*, para reconstruir o modelo mental: o seu ponto de partida é a estrutura lingüística manifestada.

É interessante ressaltar que o percurso gerativo é realizado não somente pelo sujeito enunciador que cria um vocábulo e/ou termo novo, mas também por esse sujeito, ao reutilizar vocábulos e/ou termos pré-existentes, em qualquer situação de atividade lingüística. A cada ato de fala, há uma reorganização do sistema lingüístico e do metassistema conceptual. Segundo Cabré (1993, p.100), a maioria dos conceitos não tem fronteiras rigidamente estabelecidas mas limites aproximados e difusos. Com a normalização, os conceitos passam a definir artificialmente seus limites. Configura-se, assim, o caráter instável e dinâmico do nível cognitivo, de forma que a estrutura do conhecimento pode mudar fundamentalmente por duas causas: seja porque aparece um novo eixo, levando todos os *conceitos* anteriores a redefinir-se em função dessa nova dimensão; seja porque surge uma nova forma de ver as coisas, de sorte que os *conceitos* pré-existentes não mudam de eixo mas mudam de posição no seu eixo.

Observe-se que os atos de conceituar, ou de engendrar um discurso manifestado qualquer – são processos *onomasiológicos* – tomam como ponto de partida o *continuum* amorfo dos dados da experiência, passam pelo nível noêmico e chegam ao nível lexemático, que vai do fato ao nome, e cujo produto é a *denominação*. É o percurso do *fazer persuasivo do sujeito de enunciação de codificação*, desencadeado por quem fala, quem escreve. Esse sujeito de enunciação de codificação, tendo uma intenção de comunicação de determinado esquema lógico-conceptual, pode selecionar diferentes formas lingüísticas, suscetíveis de representá-lo, para engendrar o seu discurso enfim manifestado. Essa escolha integra o processo de modalização do discurso, enquanto competência e desempenho do *sujeito enunciador*. Desse percurso resultam: *conceitos*, seus representantes semiotizados – *grandezas-signos* – presentificados, em etapas posteriores, em discursos manifestados.

Cumprе ressaltar, ainda, que o processo de construção de um conceito pode ser “vertical” – do “fato” para o patamar cognitivo – ou pode ser desencadeado nas relações sintagmáticas de um discurso manifestado, em que o autor vai pouco a pouco construindo, no seu texto, um *conceito* qualquer. No segundo processo, a combinatória das palavras-ocorrência vai paulatinamente configurando o recorte conceptual que o autor tem de um “fato”.

De outro ângulo, tem-se o percurso que toma como ponto de partida o discurso manifestado, para chegar novamente ao nível conceptual, que caracteriza o *fazer interpretativo* do *sujeito enunciatário*, ou, noutras palavras, um *processo semasiológico*, do signo para o *conceito*, realizado por quem ouve ou quem lê; qualifica-se, assim também, o percurso lexicográfico-terminográfico, enquanto processo que parte da manifestação do nível lexemático, com as seleções, restrições e combinatórias sêmicas estabelecidas em discurso, para, num *metadiscurso* igualmente configurado como *fazer interpretativo*, articular semas representados por *metatermos lexemáticos*, operação de que resulta a *definição*.

4. A organização dos patamares conceptual e lexical

É importante ressaltar que existem diferentes tipos de campos conceptuais e de campos lexicais, bem como relações que se estabelecem entre os elementos do conjunto dos primeiros e os do conjunto dos últimos, e que há diferenças nocionais e estruturais entre campo conceptual, campo lexical, campo semântico e respectivas unidades-padrão: *conceito*, *lexemas/vocábulos/termos*, *sememas*.

Essa questão insere-se, como vimos nos itens anteriores, no modelo do percurso gerativo de enunciação de codificação e de decodificação, pois cada um daqueles campos situa-se em diferentes patamares desse percurso: o campo conceptual, conjunto de *conceitos*, é resultado do processo de *conceptualização* do ‘saber sobre o mundo’ – pré-lingüístico, pré-semiótico, trans-semiótico; o *campo lexical*, conjunto de *lexemas*, *lexias*, *vocábulos/termos* que têm um núcleo sêmico comum, resulta do pro-

cesso de *lexemização* – conversão da informação conceptualizada em significação lingüística; o *campo semântico*, em uma de suas acepções, constitui um conjunto de *sememas* e resulta da intersecção do significado das unidades lexicais de um *campo lexical*. As relações existentes entre os três campos não são simétricas, visto que um campo lexical pressupõe e contém necessariamente os seus correspondentes campo conceptual e campo semântico, ao passo que um campo conceptual pode não ter, ainda, os campos lexicais e semânticos que lhe corresponderiam. Constituem, pois, *constructos* não confundíveis, na medida em que pertencem a níveis de articulação e de análise distintos (Barbosa, 1999, p.29-52). Desses três tipos de campos, apresentaremos, aqui, apenas a organização do campo conceptual.

5. Estruturação do patamar conceptual

Um *conceito*, em sentido amplo, constitui, conforme expusemos acima, um “modelo mental”, *conceptus* (Rastier, 1991, p.73-114), dialeticamente articulado a um recorte cultural ou *designatum*. É um conjunto de traços semânticos conceptuais que, em nossa concepção, apresenta grande complexidade estrutural: um subconjunto de noemas (Pottier, 1992, p.61-69), biofísicos ou “universais”, *conceito stricto sensu*; um subconjunto de traços semânticos conceptuais ideológicos, culturais, *metaconceito*; um subconjunto de traços semânticos conceptuais ideológicos, intencionais, modalizadores, *metametaconceito*. Neste último, o noema [intenção] é o mais importante, por oposição ao [ideológico] do subconjunto anterior, não tão marcado como o [intencional]. Esses três subconjuntos formam o *conceito lato sensu* (Barbosa, 2000, p.95-120).

Campo conceptual como conjunto unitário

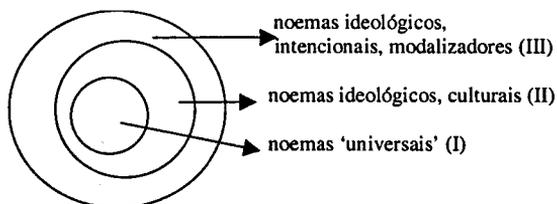


Figura 1

Julgamos importante ressaltar que, ao se engendrar um *conceito*, geram-se, simultânea e necessariamente, três outros *conceitos*: seu *contrário* e os *contraditórios* decorrentes, já que o raciocínio do homem funciona por oposições, dentre as quais, relações entre contrários e contraditórios.

Desse modo, ao criar-se o *conceito* <<bem>>, por exemplo, concomitantemente engendra-se o seu contrário, <<mal>>, e seus respectivos contraditórios, <<~bem>> e <<~mal>>:

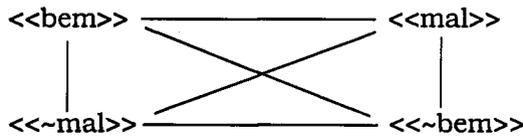


Figura 2

Essas relações “necessárias” e “não-eventuais” nos autorizam a conceber o processo da *intertextualidade lato sensu* como iniciando-se já no patamar conceptual do percurso gerativo da enunciação, pois um *conceito* liga-se necessariamente a outro *conceito*, constituindo um microssistema conceptual.

Assim, um *conceito lato sensu* é um campo conceptual, já que, implicitamente contém esses três outros *conceitos*. Chamaremos esse caso de *campo conceptual unitário pleno*, por oposição ao *campo conceptual unitário vazio* (\emptyset), o que contém *conceitos* virtuais ainda não engendrados.

Diferente é a organização do *campo conceptual conjunto múltiplo*, que contém vários *conceitos lato sensu* explicitados, com um núcleo sêmico comum, apresentando, cada um deles, implicitamente, seus *conceitos contrários e contraditórios*.

Retomando o subconjunto de noemas “universais”, que aqui denominamos *conceito stricto sensu*, numa outra perspectiva – a da análise contrastiva, entre grupos socioculturais diferentes, e a da análise comparativa, entre subgrupos de uma mesma cultura –, chegamos à noção de *arquiconceito*, resultante da neutralização da oposição existente entre concepções diferentes de um mesmo “fato”.

O conjunto de traços semânticos conceptuais de natureza “universal” corresponde a um *arquiconceito* (Béjoint e Thoiron, 1996, p.512-526), já que neutraliza as diferenças conceptuais entre línguas diferentes. Estaria relacionado o *arquiconceito* ao *protótipo* (Dubois, 1991) e à intersecção do *sentido recortado culturalmente* ou *formado* (Hjelmslev, 1975, p.53-64). Sustenta e viabiliza os processos de *tradutibilidade interlingüística* e *intersemiótica*.

Se compararmos o recorte conceptual de um “fato” natural, de uma língua A e de uma língua B, diremos que os traços comuns constituem o seu *arquiconceito*, que denominaremos *arquiconceito*₁. Logo:

*arquiconceito*₁ \subset *conceito*₁ de língua A;

*arquiconceito*₁ \subset *conceito*₁ de língua B.

Segundo Béjoint e Thoiron, “*l’archi-concept est vu ici comme une entité abstraite dont le statut, au plan philosophique, ne nous concerne pas. On reconnaîtra seulement que l’archi-concept est en correspondance dans les diverses cultures, avec divers concepts. Le degré de similitude entre concepts, dits ici homologues, n’est pas préjugé (i.e. ni sous-estimé ni décrété a priori): il peut être grand ou faible (...) ceci permet de reconstruire, pour chacune de ces langues, un embrion de concept. La réunion de ces ensembles embrionnaires de traits conceptuels constituerait l’embrion d’un archi-concept...*” (1996, p.516-617). A última parte da citação nos remete inclusive ao processo de passagem do sentido amorfo, estruturável, ao sentido formado, estruturado (Hjelmslev, 1975, p.53-64), porém comum, *mutatis mutandis*.

Diríamos, pois, que o processo de conceptualização, como percurso, é muito mais complexo do que a passagem do “sentido amorfo” para o “sentido formado”, tal como o explica Hjelmslev. Há etapas teóricas constitutivas do processo de conceptualização, entre um e outro. Com efeito, na passagem do patamar da percepção ao da conceptualização, há, como vimos, três estágios de atributos semânticos: as *latências*, atributos semânticos possíveis dos ‘objetos’ e ‘processos’ da semiótica natural; as *saliências*,

atributos que se destacam, na estrutura, funcionamento e hierarquia dos “fatos naturais” (“o perceber”); as *pregnâncias* (“o conceber”), por sua vez, constituem o resultado da atividade do homem, das *escolhas* que faz na *apreensão* daqueles “fatos” (Pais, 1999, p.13-50).

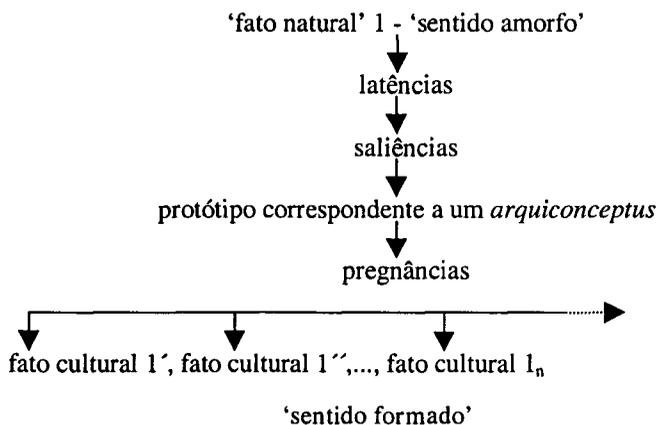


Figura 3

Assim, entre o sentido estruturável e o sentido estruturado, há a formação de um protótipo conceptual biofísico, núcleo noêmico comum a todas as culturas, que corresponderia ao *arquiconceito*, ou *conceito stricto sensu*, primeiro nível de “formação”, resultante das *latências* e *salências*. Entretanto, no processo de *pregnâncias*, começam a ficar visíveis os noemas culturais, específicos de cada cultura, correspondentes ao *metaconceito*, segundo nível de “formação”. Por fim, no interior de uma mesma cultura, os discursos “políticos” eufóricos ou disfóricos sobre o mesmo fato engendram o *metametaconceito*, subconjunto dos traços semântico-conceptuais modalizadores.

Parece-nos que a noção de *arquiconceito* é fundamental, quando da análise contrastiva de línguas e culturas e também no âmbito da mesma língua e cultura, no exame da *variação conceptual* do mesmo “fato”: assegura o rigor do estudo da variabilidade e das identidades conceptuais do mesmo “fato” entre culturas e entre grupos. Cremos que essa noção de *arquiconceito*

completa as formalizações já existentes, que descrevem as estruturas do patamar cognitivo. É de se ressaltar, ainda, o isomorfismo, ou identidade formal entre os processos de neutralização fonológica, morfológica, lexical, semântica, conceptual, mesmo textual e seus respectivos produtos: *arquifonema*, *arquimorfema*, *arquilexema*, *arquissesema*, *arquiconceito* e *arquitexto*, este último (Rastier, 2000, p.445-470), resultado da neutralização das diferenças existentes entre textos implicados num processo de intertextualidade.

As reflexões acima nos autorizam a propor uma tipologia de campos conceptuais (Barbosa, 2000, p.95-120), segundo o critério do número de elementos, da qualidade e quantidade de elementos que contêm: campo conceptual como conjunto unitário, campo conceptual como conjunto vazio, campo conceptual como conjunto múltiplo, este último, por sua vez, constitutivo de quatro tipos, o dos co-hipônimos da “semiótica natural”, o dos co-hipônimos culturais, o dos co-hipônimos modalizadores e o dos parassinônimos.

6. Um modelo de engendramento e estruturação de um conceito *lato sensu*: a formação conceptual de <<transgênico>>

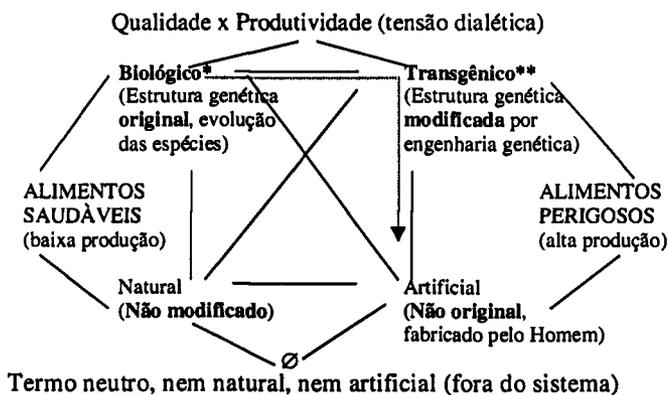
À guisa de ilustração, apresentamos a formação do conceito de *transgênico*, na cultura brasileira. *Transgênico* é um termo técnico de grande atualidade e, como adjetivo, serve para qualificar seres biológicos, modificados em sua estrutura genética, através de tecnologias desenvolvidas pela engenharia genética. No seu núcleo sêmico conceptual, temos os semas conceptuais [+ser vivo], [+biologia], [+genética], [+estrutura], [+engenharia], [+tecnologia], [+mutação]. Aplica-se preferencialmente à produção de alimentos. Os atributos semêmicos e semântico-conceptuais, nesse nível, configurariam a intersecção de todos os seres vivos e produtos *transgênicos*, no nível biológico e técnico, ou seja, o seu *arquiconceito*.

Contudo, essa inovação nas técnicas de produção e, conseqüentemente, nos hábitos de consumo, desencadeou em nível mundial e, particularmente em nosso país, ampla discussão. De um lado, temos os áulicos da “modernidade” que defendem a produção e consumo de alimentos *transgênicos*, acentuando os

semas conceptuais [+modernidade], [+produtividade], [+fatura], [-preço]. De outro lado, temos biólogos, médicos e ecologistas, dentre outros, que apontam possíveis perigos da inovação e que realçam, por seu lado, os semas [+ser vivo], [+biologia], [+alimento], [+natural], [+saudável]. [+seguro], [+preservação], [+meio ambiente], [+tradição] dos produtos alimentícios naturais, correspondentes, no nível cognitivo, ao *metaconceito*.

A questão envolve problemas políticos, econômicos e sociais relevantes. Sucedem-se discursos favoráveis ou contrários, em tom sereno ou veemente, que compreendem semas conceptuais intencionais, modalizadores, manipulatórios, como, por exemplo, a oposição [+modernidade] / [+preservação], [+lucro] / [+saúde pública], dentre outros, correspondentes, por sua vez, no nível cognitivo ou hiperprofundo, aos conjuntos semântico-conceptuais dos *metametaconceitos*.

Na análise dos discursos sobre essa temática, é possível detectar as tensões e conflitos em jogo no patamar da semântica profunda – do percurso gerativo da enunciação de codificação e decodificação (Pais, 1998, p.271-311) – de modo a formalizar os microsistemas de valores subjacentes a esses discursos. Num modelo semiótico dialético, temos, em semântica profunda:



* BIOFATO ** BIOMANUFATO

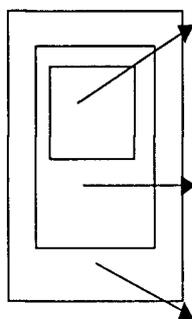
Figura 4

Biológico implica *natural*, *transgênico* implica *artificial*. *Biológico* x *transgênico* coexistem e sustentam-se numa tensão dialética, na época atual. Um percurso dilético possível desse modelo semiótico seria: a partir do biológico, a engenharia genética cria um *transgênico*, que implica um *artificial*, *não-natural*. A combinação *biológico* x *natural* constitui a dêixis positiva *alimentos saudáveis*; a combinação *transgênico* x *artificial* constitui a dêixis negativa *alimentos perigosos*. Os percursos dialéticos através dos eixos dos contrários, contraditórios e subcontrários, assim como seu ponto de partida, variam conforme as posições políticas e/ou ideológicas assumidas pelos sujeitos enunciadorees em seus discursos.

Assim, tomando por base as unidades léxicas, *designations*, que se manifestam em seus discursos, os semas que integram seus sememas lingüísticos, torna-se possível reconstituir o percurso do nível cognitivo ao nível semiótico ou, noutras palavras, a passagem da conceptualização à lexemização, do *conceito* à *denominação*. Temos, então, uma reconstrução do *conceito* <<transgênico>> e seus correspondentes *metaconceito* e *metame-taconceito*.

Preliminarmente, retomamos o esquema inicial do *conceito lato sensu*, aplicando-o ao *conceito* <<transgênico>>:

Figura 5



Noemas "universais" (I) \equiv "ser vivo geneticamente modificado por tecnologias avançadas de engenharia genética"; "processo de engenharia genética, de modificação do patrimônio genético (DNA) de um ser vivo".

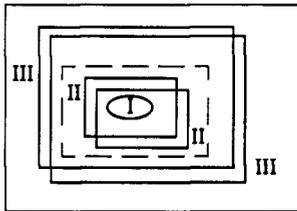
Noemas ideológicos, culturais (II) \equiv "por exemplo, vegetais (sobretudo) e animais resistentes a doenças e pragas, de grande produtividade, mas com possíveis danos à saúde humana".

Noemas ideológicos, intencionais, modalizadores (III) \equiv por exemplo, no discurso político de economistas, da agro-indústria, do comércio internacional etc., favorável à produção e consumo de alimentos transgênicos, "de alta produtividade", condição para "matar a fome do mundo". No discurso

político contrário, como, por exemplo, dos ecólogos, dos ambientalistas, dos responsáveis pela saúde pública etc., que "consideram prematuro ou precipitado produzir e distribuir alimentos transgênicos quando ainda não se conhecem com precisão os efeitos sobre o meio ambiente ou sobre os seres humanos e os animais que os consomem".

É possível aplicar o modelo geral acima apresentado ao *conceito lato sensu* <<transgênico>>, de modo a construir uma formalização mais rigorosa do *campo conceptual como conjunto unitário*: <<transgênico>>, apresentando sua estruturação e as relações que se estabelecem no interior do *conceito lato sensu* <<transgênico>> e os subconjuntos de traços semântico-conceptuais, ou seja, os *metaconceitos* e os *metametaconceitos* que o compõem. Temos, assim:

Campo conceptual como conjunto unitário: <<transgênico>>



onde:	{	I = {[+biológico], [+estrutura genética], [+tecnologia], [+mutação]} ≅ <i>arquiconceito</i> <<transgênico>> ≅ conjunto de traços "universais"
Zonas de consensos		II = {[+tecnologia], [+avanço], [+produtividade], [+inovação], [+artificial]} ≅ <i>metaconceito</i> ≅ conjunto de traços ideológicos, culturais.
Zona do embate	{	III-1 = {[+modernidade], [+fartura], [+economia], [-preço], ≅ conjunto de traços intencionais, modalizadores (do discurso favorável), ≅ <i>metametaconceito</i> ₁
		III-2 = {[+riscos], [-preservação], [-meio ambiente], [-tradição], [-natural]} ≅ <i>metametaconceito</i> ₂ ≅ conjunto de traços intencionais, modalizadores, manipulatórios (do discurso contrário).

e onde: <<...>> = *conceito* e [...] = traço semântico conceptual

Figura 6

Observemos que o subconjunto de traços semântico-conceptuais da Zona I, “universais”, definem o *arquiconceito* como um *consenso*, relativo a aspectos da semiótica natural e da modificação, pelo homem, da semiótica natural, um “saber sobre o mundo” compartilhado pela comunidade.

Da mesma forma, os subconjuntos de traços semântico-conceptuais, ideológicos, culturais, da Zona II, constitutivos do *metaconceito*, definem certos *consensos culturais*, outra faceta do “saber sobre o mundo” compartilhado pela mesma comunidade, mas diferente de comunidade para comunidade.

Enfim, a Zona III se divide em dois subconjuntos de traços semântico-conceptuais, que constituem, respectivamente, o *metametaconceito*, e o *metametaconceito*₂, enquanto conjuntos de traços intencionais, modalizadores, manipulatórios (dos discursos favorável e contrário).

Temos, então, a Zona III como a *zona do embate*, do confronto, particularmente no discurso político mas também nos discursos científico, tecnológico, econômico etc.

Por outro lado, retomando o modelo semiótico e o modelo conceptual acima construídos, podemos opor <<biológico>> (≡ “estrutura genética original, resultado da evolução das espécies”) e <<transgênico>> (≡ “estrutura genética modificada, por tecnologias da engenharia genética”), a que correspondem, respectivamente, como vimos, os *conceitos* <<artificial>> e <<natural>>, como também os termos que os manifestam.

O artigo publicado na *Gazeta Mercantil* (Pereira e Aliski, 4/09/2000, p.A-12) ilustra a *zona de embate*:

O Governo tem pressa para esclarecer as dúvidas que envolvem os organismos geneticamente modificados. Para isso, promove encontros com a mídia especializada e realiza palestras sobre biossegurança. A iniciativa coordenada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia busca dois objetivos: mostrar que o País tem uma legislação avançada sobre o assunto e que os técnicos brasileiros são capazes de distinguir o que faz bem à saúde do consumidor (...).

O governo brasileiro está convencido de que precisa passar urgentemente um rolo compressor nas dúvidas sobre os organismos geneticamente modificados (OGMs) no País. Começou a sua parte na semana passada. O Ministério da Ciência e Tecnologia armou um encontro entre o comando da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) e profissionais de mídia e interessados na divulgação do tema transgênicos para ensinar a relevância do jornalismo científico no mundo moderno.

Juntou técnicos renomados, todos membros da CTNBio, para palestra sobre biossegurança. “Estamos plenamente conscientes da necessidade de incorporar a informação científica ao cotidiano de nossa população, utilizando os meios de comunicação coletiva, impressos ou eletrônicos”, disse Esper Cavalheiro, secretário de Políticas e Programas de Ciência e Tecnologia, representante do ministro da pasta, Ronaldo Sardenberg, na abertura do encontro. A discussão sobre biossegurança envolve, há quase uma década, três corporações: cientistas, investidores e consumidores. Elas aparecem na composição da CTNBio, criada pelo governo em 1995. A maioria é cientista – por princípio, defensores da pesquisa. São ligados ao governo pelo cordão umbilical de institutos de pesquisa e universidades estaduais e federais. Os representantes das gigantes Novartis e Monsanto, presentes na CTNBio, carregam posições óbvias. O maior esforço da equipe nesta ofensiva de divulgação dos transgênicos é para firmar duas coisas: que o País tem legislação avançada neste assunto e que os técnicos brasileiros têm capacidade profissional para discernir sobre o que faz e o que não faz mal à saúde do consumidor. Os consumidores, a parte que ainda falta ser convencida, contam com dois representantes: uma funcionária pública do governo do Pará e um advogado do Mato Grosso do Sul. Na próxima semana, o Centro de Estudos Estratégicos do Ministério da Ciência e Tecnologia volta ao tema, numa parceria com a Fundação Konrad Adenauer, de São Paulo. Serão dois dias, 14 e 15, de debates sobre desenvolvimento e ética na biotecnologia. Enquanto isso, vem sendo adiada

a divulgação da portaria de regulamentação da rotulagem de produtos com OGMs.

Quanto ao tipo de relação que se estabelece entre alimentos naturais x alimentos transgênicos, podemos dizer que são co-hipônimos da semiótica natural e cultural:

Alimentos naturais x alimentos transgênicos como co-hipônimos da semiótica natural e cultural:

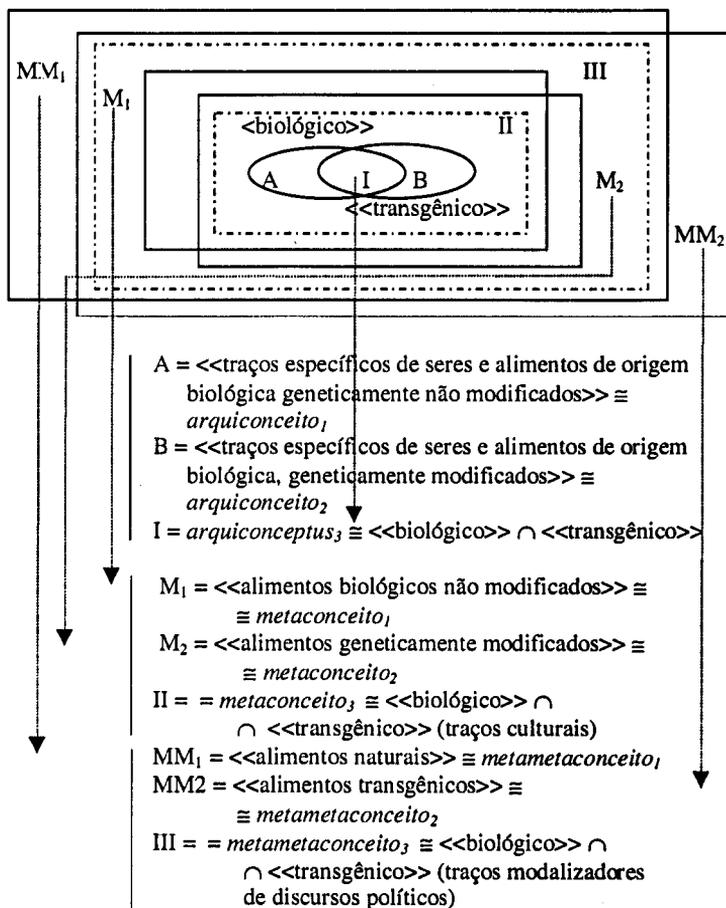


Figura 7

Ou, se preferirmos, de maneira mais específica, a formalização abaixo, que apresenta uma amostra não exaustiva mas, apenas, ilustrativa dos traços semântico-conceptuais extraídos de discursos favoráveis ou contrários aos alimentos transgênicos:

Conceptus lato sensu:

Conceptus₁ – alimentos biológicos naturais

Conceptus₂ – alimentos transgênicos

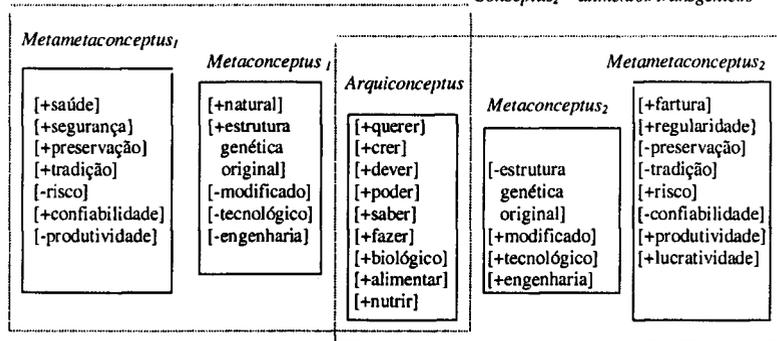


Figura 8: <<biológico>> x <<transgênico>>, no nível da semântica cognitiva

É de se ressaltar que não somente se torna cada vez mais nítida e precisa a configuração conceptual de <<transgênico>>, correspondente ao termo *transgênico*, como também o *campo lexical/terminológico* começa a se constituir progressivamente mais rico em unidades lexicais. No momento, cabe citar *seres transgênicos*, *organismos geneticamente modificados*, a sigla *OGMs*, dentre outros, que surgem como parassinônimos numa linguagem de especialidade (Barbosa, 1998b, p.385-405).

7. Proposta de percurso metodológico, para a construção de um conceito

Analisando os contextos que sustentam e manifestam essa complexa formação – neste caso, contextos constituídos de textos de especialistas e da mídia –, de que se extraem os traços

Esta ficha conceptual-terminológica permite-nos, como dissemos, o registro dos contextos em que os caracterizadores conceptuais de um termo se apresentam. Permite, ainda, identificar o conjunto dos traços semântico-conceptuais (cf. figura 8), distinguindo os formadores do *conceito stricto sensu*, ou do *metaconceito* ou do *metametaconceito*, relacionando-os, enfim, aos vocábulos/termos que os manifestam.

Assim, por exemplo, no contexto *“O Governo tem pressa para esclarecer as dúvidas que envolvem os organismos geneticamente modificados (...) O governo brasileiro está convencido de que precisa passar urgentemente um rolo compressor nas dúvidas sobre os organismos geneticamente modificados (OGMs) no País”* (Pereira e Aliski, 04/09/2000, p.A-12) enfatiza-se o *conceito stricto sensu*.

Já os contextos, *“Americanos aceitam bem os transgênicos. Pesquisa realizada no início de outubro pela GMA – Grocery Manufacturers of America (Manufaturadores de Alimentos da América) mostra que os americanos não vêem a biotecnologia como fonte de preocupação e que não mudaram seus hábitos alimentares após a introdução de alimentos originários de plantas geneticamente modificadas no mercado. Além disso, a pesquisa também mostra que a maioria dos americanos acredita que a biotecnologia é um meio de melhorar as práticas agrícolas e a qualidade dos alimentos”* (Correio do Estado, 25/10/2000, p.6-A); *“Parece claro, no entanto, que em muitos países o aumento da produtividade acontecerá com o auxílio de recursos biotecnológicos, com a tecnologia de modificação genética (ou tecnologia GM)”* (Informativo do Instituto de Estudos Avançados, outubro-novembro 2000, p.1), acentuam o *metaconceito*.

Entretanto, no contexto *“Em maio de 1999, quando os pesquisadores de uma universidade americana anunciaram que larvas de borboletas monarcas haviam morrido após se alimentarem de pólen de milho transgênico, isto é, geneticamente modificado (GM) (...) a notícia causou alvoroço. Grupos ambientalistas logo afirmaram, como em um folheto do Greenpeace, que “organismos geneticamente modificados podem desequilibrar ecossistemas naturais e ameaçar a saúde humana” O Grupo Friends of the Earth preveniu, com alarde: “Existe um risco real de que as fazendas se transformem em território estéril para a vida selvagem.”*” (Harris, outubro de 2000, p.105-105), focaliza-se o *metametaconceito*.

Quanto ao conjunto pleno dos traços semântico-conceptuais, são os que constam da figura 7, anteriormente apresentada.

Importa observar que a configuração do *conceito lato sensu* é um processo anterior ao processo da definição. Constitui ele sua própria forma de conteúdo. Noutras palavras, o *conceito*, conjunto ordenado de traços conceptuais, está contido na *definição*, mas nela adequa-se à estrutura sintático-semântica, sua forma de conteúdo e expressão, requerida por este tipo de discurso parafrástico, em que os traços conceptuais são organizados em forma de frase, ou seja, manifestados como *metatermos*. Ressalte-se, ainda, que, num dicionário terminológico, os dois subconjuntos ideológicos, o do metaconceito e o do metametaconceito, talvez devam aparecer em notas explicativas, campo previsto na microestrutura dos verbetes de um dicionário terminológico.

8. Conclusão

Constatamos a diversidade organizacional do *conceito*, com seus sucessivos conjuntos de traços caracterizadores, dos biológicos aos ideológicos, bem como a existência do processo de neutralização, também no plano conceptual, de que resulta o *arquiconceito*. Pudemos construir modelos que permitissem a descrição da estrutura dos *campos conceptuais unitário e múltiplo*, de seus respectivos *arquiconceitos*, *metaconceitos* e *metametaconceitos*, numa perspectiva mono e plurilíngüe. Pudemos, também, propor metodologia de engendramento de conceitos no domínio terminológico. O modelo foi aqui aplicado à análise da formação do *conceito* correspondente ao termo *transgênico*, apresentando resultados bastante satisfatórios.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, M.A. (1998a) Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. In: *Acta Semiótica et Lingüística*, v.7. São Paulo, Plêiade, p.25-44.
- _____. (1998b) Paradigmas de criatividade léxica. In: *Hommage à Simone Saillard. Textures. Cahiers du CEMIA*. Lyon, Département de Langues Romanes de l'Université Lumière Lyon 2, p.385-405.

- _____. (1999) Campo conceptual e campo lexical dos termos globalização e mundialização: relações. In: *Revista brasileira de lingüística*, v. 10. São Paulo, Plêiade, p.29-52.
- _____. (2000) Estruturas e tipologia dos campos conceptuais, campos semânticos e campos lexicais". In: *Acta semiotica et linguistica*, v.8. São Paulo, Plêiade, p.95-120.
- BÉJOINT, H., THOIRON, Ph. et al. (1996) Notion d' "archi-concept" et dénomination. In: *Meta. Journal des Traducteurs*. Montréal, Presses de l'Université de Montréal, p.512-523.
- CABRÉ, M.T. (1993) *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona, Editorial Antártida/Empuries.
- HARRIS, J.P. (2000) O que você deve saber sobre os transgênicos. In: *Seleções*, outubro de 2000. Rio, The Reader's Digest, p.101-105.
- HJELMSLEV, L. (1975) *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo, Perspectiva.
- PAIS, C.T. (1993) *Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité, systémique, lexicale et discursive*. Thèse de Doctorat d'État. Paris/Lille, Université de Paris-IV, ANRT.
- _____. (1998) Conceptualisation, dénomination, désignation, référence: réflexions à propos de l'énonciation et du savoir sur le monde. In: *Textures. Cahiers du C.E.M.I.A.* Lyon, Université Lumière Lyon 2, p.271-311.
- _____. (1999) Semântica cognitiva, noêmica, semântica lexical e semiótica das culturas. In: SILVA, D.F. e VIEIRA, R. (orgs.) *Ciências cognitivas em semiótica e comunicação*. São Leopoldo, Ed. Unisinos, p.13-50.
- PEREIRA, P. e ALISKI, A. (2000) Campanha para promover os transgênicos. In: *Gazeta Mercantil*, 04/09/2000. São Paulo, p. A-12.
- POTTIER, B. (1991) *Théorie et analyse en linguistique*. 2 éd. Paris, Hachette.
- _____. (1992) *Sémantique générale*. Paris, P.U.F.
- RASTIER, F. (1991) *Sémantique et recherches cognitives*. Paris, PUF.
- _____. (2000) Para uma poética generalizada. Trad. C.T. Pais. In: *Acta semiotica et linguistica*, v.8. São Paulo, Plêiade, p.445-470.
- EDITORIAL (25/10/2000): Americanos aceitam bem os transgênicos. In: *Correio do Estado*, 25/10/2000. Campo Grande, p.6-A.
- EDITORIAL (outubro/novembro 2000) Recomendações sobre os transgênicos. In: *Informativo do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, n. 61, ano XII. São Paulo, USP, p.1.